

HUMOR E FEMINISMO: QUAL É A GRAÇA? A SÁTIRA DE MARIA O'NEILL OU A CONTRADANÇA DOS SEXOS

ISABEL LOUSADA*

RESUMO

Maria O'Neill (1876-1932) é senhora de uma profícua obra literária; poetisa de renome consagrado ainda em vida, abarca o universo luso-brasileiro em inúmeras publicações periódicas em que é colaboradora (LOUSADA e BÓLEO, 2010); o feminino, o feminismo, e a condição feminina abrem espaço para uma querela que encena como uma dança entre escrita mordaz, por onde perpassa a ironia e o sarcasmo. Será especialmente em *A Sátira* que a autora apresentará um conjunto de textos contundentes, prementes de análises de carácter sociológico extravasando o campo literário. Abrangendo a temática supramencionada, sua poesia e prosa serão geradoras de uma série de ilustrações com discurso meritório de *per se* (BRIAN, 1995). Propomos analisar os parâmetros enunciados de uma forma breve relevando o humor como veículo privilegiado de mensagens sociopolíticas controversas. Dado ter esta autora dedicado à crítica social um espaço singular, sobretudo em *A Sátira*, onde pode ombrear com Stuart Carvalhais (1887-1961), decidimos não abarcar quaisquer outros periódicos nos quais foi também colaboradora assídua. As mulheres mundanas foram caricaturadas de modo inigualável pelo traço de Carvalhais, a quem coube ilustrar muitos dos textos da publicação alvo do nosso estudo, e pela prosa de O'Neill, encontrando nas vítimas da moda um alvo propício à ironia e ao sarcasmo expondo ao ridículo a miséria das senhoras de então que, não sabendo envelhecer, são postas a nu, desprovidas de interesse quando o luxo é denunciado como adorno supérfluo e vão. Procuraremos reflectir no modo como o recurso à imagem caricaturada da mulher como fútil e masculinizada poderá servir ao objectivo dos detractores do feminismo, ou pelo contrário, assinalar a profunda desigualdade em que a mulher é historicamente plasmada face às características inerentes à sua condição biológica. Qual o papel do homem e qual o papel da mulher na sociedade de então? Qual o impacto da entrada massiva da mulher no mercado de trabalho face às estruturas familiares vigentes? (BARRECA, 1991). Eis algumas das questões a abordar ao longo da nossa comunicação, procurando evidenciar o modo como se ainda encontra actualizada a

* Doutora em Estudos Anglo-Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa. Investigadora do CesNova – FCSH/UNL. Membro do CLEPUL da Universidade de Lisboa.

matéria em análise sem ter perdido o seu lado hilariante, preocupantemente, ou não, tragicômica. (MARINGONI, 1996).

PALAVRAS-CHAVE: Maria O'Neill. Feminismo. Sátira. Mulheres escritoras na História.

ABSTRACT

Maria O'Neill (1876-1932) has a successful literary work; famous woman poet, renowned still during her life time, she embraces the Portuguese-Brazilian universe in several periodicals in which she collaborated (LOUSADA & BÓLEO, 2010); feminine, feminism and womanhood will inaugurate a quarrel which simulates a sort of scathing writing dance, full of irony and sarcasm. It will be particularly in *A Sátira* ("Satire") that she writes a number of damning texts, pressing sociological analyses, overflowing the literary field; covering the topic mentioned above her poetry and prose generated a series of illustrations with a worthy speech of her own (BRIAN, 1995). This study aims to analyze the parameters set out in a brief mode, emphasizing humor as a privileged vehicle of controversial socio-political messages. As this author has devoted to social criticism, particularly in *A Sátira*, in partnership with Stuart Carvalhais (1887-1961), we decided not to embrace any other periodicals in which she was also a constant collaborator. Worldly-minded women were caricatured in such a unmatched way by Carvalhais' trace, who had illustrated many of the texts published in the work under study, as well as by O'Neill's prose, targeting fashion victims with irony and sarcasm, in order to expose to ridiculous the gloom of those ladies, whom without knowing how to age well, were laid bare, devoid of interest when luxury is denounced as a superfluous adornment. We will seek to reflect on how the use of women caricatured image as masculinized and futile may serve the purpose of feminism detractors, or rather mark the deep inequality where women are historically shaped facing the inherent characteristics of their biological condition. What was the role of men and women in society of the time? What was the impact of the massive entry of women into the labor market to the existing family structures? (BARRECA, 1991). Here are some of the issues we aim to show how up to now is still the matter under consideration without having lost its hilarious, disturbingly, or not, tragicomic site (MARINGONI, 1996).

KEYWORDS: Maria O'Neill. Feminism. Satire. Women writers in History.

«'Satire' is a Protean term»¹

Maria O'Neill (1876-1932) é senhora de uma profícua obra literária; poetisa de renome consagrado, ainda em vida abarcou o universo luso-brasileiro em inúmeras publicações periódicas em que

¹ Christiane Bohnert, "Early Modern Complex Satire and the Satiric Novel: Genre and Cultural Transposition". In: Brian A. Connery, *Theorizing satire: essays in literary criticism*, 1995, p.151.

foi colaboradora. “Divulgar Brasil em Portugal e vice-versa” era a intenção da revista *Brasil em Portugal* (1899-1914), sendo a escritora Maria O’Neill uma das que nela figurou pontuando na temática feminista, como bem nota Fernanda Muller.

A presença feminina e a defesa do feminismo também foram constantes nas páginas de *Brasil-Portugal*; nesse sentido, destacamos a colaboração de Adelina Lopes Vieira, Ana de Castro Osório, Ana Maria Ribeiro de Sá, Branca de Carvalho, Constança Telles da Gama, Héloise Cordeiro, Júlia Lopes, Margarida Bodin, Maria Amália Vaz de Carvalho, Maria O’Neill, Sophia da Silva².

O feminino, o feminismo e a condição feminina abrem espaço para uma querela encenada como uma dança de escrita mordaz, por onde perpassa a ironia e o sarcasmo. Porém, foi especialmente para *A Sátira* (1 Fev. 1911 a 1 Jun. 1911) que Maria O’Neill escreveu um conjunto de textos contundentes, prementes de análises de carácter sociológico extravasando o campo literário; abrangendo a temática supramencionada, as suas poesia e prosa são geradoras de uma série de ilustrações com discurso meritório de *per se*. Propomos analisar os parâmetros enunciados de uma forma breve, relevando o humor como veículo privilegiado de mensagens sociopolíticas controversas. Dado ter esta autora dedicado à crítica social um espaço singular, sobretudo no citado periódico, em paralelo com Stuart Carvalhais (1887-1961), decidimos não abarcar quaisquer outras publicações nas quais Maria O’Neil foi também colaboradora assídua.

As mulheres mundanas foram caricaturadas de modo inigualável pelo traço de Carvalhais - a quem coube ilustrar muitos dos textos da publicação alvo do nosso estudo -, e pela prosa de O’Neill. A autora encontrou espaço e mote para exercitar uma mordaz ironia contra as vítimas da moda, das modas, que faziam do quotidiano uma sucessão de pequenas misérias. As mulheres que não sabiam envelhecer eram vítimas da sua pena. O episódio que associa Gustavo Godefroy, o cabeleireiro das celebridades, com salão no Chiado, é por ela refinadamente satirizado a ponto de fazer crer que os postíços das “madames” provinham de cabelos recém-cortados nas pobres mulheres que iam a enterrar.

Parecer velha é um dos maiores tormentos que tem o coração da mulher. Assim geralmente pinta-se, impõe-se, desenha espessas

² Fernanda Muller, “No limiar entre literatura, memória e história: a “galeria da imprensa” luso-brasileira na revista *Brasil-Portugal* (1899-1914)”, *Letras & Letras*, n.º 1, 2010, p. 261.

sobrancelhas, que não tem, põe belas dentaduras postiças e gaba em público a excelência dos seus dentes, sem dizer que não lhe nasceram na boca, e a sua farta cabeleira, que ainda deve ao Godefroi, e cujo peso afirma e nós cremos, lhe custa a sustentar. Pudera! Junta ao seu o cabelo de três recentes cadáveres que foram na tumba da Misericórdia para o alto de S. João. Nem pensam estas elegantes que os seus cabelos (seus não podemos negar que o são, visto que os compraram) já os empastou o suor da agonia derradeira ou não raro foram habitados por parasitas estranhos. Que importa? Dão-lhes eles, ou não dão, maior complicação ao penteado? É o que se quer³.

O componente satírico é, aliás, notório em inúmeros textos denunciando uma crítica severa à burguesa mundana, cujo paralelo foi assumido também por Stuart Carvalhais na ilustração que fez, por exemplo, ao texto de O'Neill, "Vítima da Moda"⁴.



«Todos notam com dó, quando ela passa, A curiosa figura em que se pôs:»
(Versos 1-2)

«Tem um ar imperial... o passo breve,
Que a modista a seu grado limitou:
E vai pensando essa cabeça leve,
Que a todos, que a fitaram, deslumbrou!» (Versos 9-12)

³ Maria O'Neill, "Mulheres", *A Sátira*, 1911, p.21.

⁴ Maria O'Neill, "Vítima da Moda", *A Sátira*, 1911, p.20.



«Por bem que finja a mulher
Dá-nos a justa medida
Do tino que ela tiver»

A definição de humor facultada no *Dicionário Priberam* aponta significados múltiplos, distinguindo nomeadamente: «Temperamento, índole. Mordacidade chistosa; ironia delicada. **humor frio**: escrófula. **humor negro**: humor que sublinha, com crueza, amargura e por vezes desespero, a absurdidade do mundo»⁵, o que nos permite de imediato focar a temática que levou a que tivéssemos selecionado a escritora e o editor, neste caso, também ilustrador, em *A Sátira*. Com apenas 23 anos, Stuart Carvalhais foi o editor literário de *A Sátira* e como Correia afirma:

Provavelmente, o Stuart caricaturista perdura sobre este outro que aqui recordámos, o ilustrador, o aquarelista e o pintor de Lisboa. O que não constitui necessariamente uma injustiça. As suas caricaturas são igualmente geniais e em número muito superior. Encontram-se

⁵ Dicionário Priberam, <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=humor>

disseminadas pela maior parte dos jornais de Lisboa e do Porto, cobrindo uma longa fasquia de tempo. A primeira, terá sido publicada no *Século Cómico*, em Junho de 1906⁶.

Inscreve-se no modernismo português, sendo um dos membros fundadores da Sociedade dos Humoristas Portugueses que levou a cabo em Maio de 1912, o primeiro salão de título homónimo, do qual se celebrou recentemente o centenário, ocasião em que foi amplamente divulgado, como era desejável. Também Maria O'Neill, figura ímpar das letras portuguesas, justificaria que lhe fosse dado o merecido destaque. *Humor e feminismo: qual é a graça? A Sátira de Maria O'Neill ou a contradança dos sexos* pretendeu, justamente, fazê-lo⁷. Em rigor, confessemos, não tem graça nenhuma!

A dupla Maria O'Neill e Stuart Carvalhais resulta num par de excelência, pois a um só tempo – singular, marca a crítica mordaz subjacente ao conceito que o termo humor permite. A aliança conseguida pelo texto e pela imagem conduz a um intensificar exponencial, convocando de imediato os sentidos, em uníssono, da visão e da compreensão, fixando a imaginação numa atmosfera condensada e propositadamente limitada pelos seus criadores. Assim, O'Neill e Carvalhais restringem do universo conceptual ilimitado de cada leitor/leitora, canalizando a multiplicidade interpretativa à imagem fixada pelo ilustrador, de modo a deixar bem marcados pel'*A Sátira*, por exemplo, os preceitos ditados pela moda, recentemente importada.

Essa tarefa resulta, em nosso entender, de uma estratégia comunicacional premeditada, pois a charge⁸ político-social à partida progressista denuncia um conceito moral aparentemente contraditório. *Humor e feminismo: qual é a graça?* Provoca em simultâneo a apologia de uma «mulher» emancipada até do próprio feminismo pela distorção que é feita da «Modernidade».

⁶ Rita Correia, “Stuart Carvalhais, um artista desbaratador... Nos 50 anos da sua morte (1961-2011)”, Câmara Municipal de Lisboa, 2011.

⁷ Como havia sido proposto também em Isabel Lousada e Luísa Paiva Boléo, “Maria O'Neill”, *4 Roteiros Feministas na Cidade de Lisboa*, UMAR, vol.1, 2010, p.129.

⁸ Seguimos a aceção expressa por Gilberto Maringoni, “Humor da charge política no jornal”, *Comunicação & Educação*, 1996.



A imagem acima apresentada exemplifica, de modo inequívoco, a forma como a caricatura de imediato clama por uma segunda intenção que o leitor/leitora é impelido a procurar.

Naquelas condições, a importância de uma forma de comunicação como a charge, simples e sub-reptícia, visual e usando pouco ou nenhum texto, tinha necessariamente que aumentar. Temos que considerar ainda o próprio caráter do desenho de humor, que deve trazer embutido o seu real sentido; deve forçar o leitor a procurar e encontrar a "segunda intenção" contida no desenho, numa ação instantânea, mas não explícita⁹.

Demolidor este retrato do «feminismo», deixando a nu uma crítica à definição de papéis «genderizada», debaixo do título «Burocracia Feminina», o seu verdadeiro sentido antifeminista. «Restricted as it is to the caricature of the various academic representatives, the satiric appears deprived of its ideological

⁹ Ênio Lins, "A charge política", http://grabois.org.br/porta1/cdm/revista.int.php?id_sessao=50&id_publicacao=99&id_indice=276

dimension and seems both to reside in, and to foster, stereotypical representations»¹⁰.

Do mesmo modo que a seguinte ilustração, debaixo do título «Feminismo», donde importa ressaltar que da importância da opinião pública estavam já muito cientes quer a escritora, quer o editor de *A Sátira*. O combate ao antifeminismo era feito ali, em nosso entender, de modo a conquistar adeptos/adeptas para a causa da urgente mudança social, preconizando uma alteração de papéis sociais e políticos mais equilibrados e justos entre pares, procurando legitimar o acesso das mulheres a outros patamares de representação. O grotesco das figuras masculinas satirizadas facilita a desconstrução de um quadro condenável.



Regra geral, a razão pela qual, na generalidade, as feministas não advogam o uso da sátira, prende-se com o facto de que historicamente na chacota o alvo sempre recaía na mulher e quem se ria era o homem¹¹. Contudo, na altura em que *A Sátira* é

¹⁰ Christian Gutleben, "English Academic Satire from the Middle Ages to Postmodernism: Distinguishing the Comic from the Satiric". In: Brian A. Connery, *Theorizing satire: essays in literary criticism*, 1995, p.145.

¹¹ Cf. Regina Barreca, *They used to call me Snow White, but I drifted: women's strategic use of humor*, New York, Penguin Books, 1991 e Nancy A. Walker, «The Humor of the "Minority"», in Nancy A. Walker, *A Very Serious Thing: Women's Humor and American Culture*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1988.

produzida, esta prerrogativa usada buscava alcançar palco para as questões candentes como a possibilidade de voto das mulheres, nomeadamente, se recordarmos que o voto de Carolina Beatriz Ângelo ocorreu em 28 de Maio de 1911. E que *Os Ridículos*, periódico em que também colaborava Stuart Carvalhais, expressara-se favoravelmente na defesa do voto feminino¹².

A imprensa periódica¹³ daquela época dava mostras de preocupação face ao avanço proposto, nomeadamente pelas associações cuja existência se prendia à defesa dos direitos da mulher, como em particular, a Associação de Propaganda Feminista (1911-1918), formalizada em Maio. Nesse sentido, importa retomar o contexto de publicação existente, sobretudo lembrando:

Satire is supposed to be “perceptual” in that it is “neither a matter of form nor of function but a matter of the way both of these are perceived in particular contexts by particular people” (Kuiper 459). Accordingly, satire would be in the eye of the beholder, a matter of subjective awareness rather than objective existence¹⁴.

Essas questões encontram espelho na sociedade coeva, como pudemos observar no que atrás mencionamos.

[...] human ‘knowledge’ as it appears in this ode is the product of an active distortion and inversion of Truth – to such a degree that our ‘truth’ resembles its original only enough to foster our deluded belief in our own wisdom”. The analogies that should help us to understand transcendent virtues like “truth” either don’t work or work in reverse, by illustrating falsehood and vice¹⁵.

O sistema binário permitido pela distinção «feminino/masculino» parece ele próprio ter sido atingido no âmago pelo texto «Mulheres» que Maria O’Neill assinou em Março de 1911, deixando antever uma

¹² Ver Isabel Lousada, “Carolina: Por entre os itinerários da Memória e da Ciência”, *Gaudium Sciendi* – Revista da Sociedade Científica da Universidade Católica, nº 2, 2012, p.108-117. http://www.ucp.pt/site/resources/documents/SCUCP/GaudiumSciendi/GaudiumSciendi_N2/N2_Artigos_IsabelLousada.pdf

¹³ Cf. Isabel Lousada, “Elos de progresso científico e social: contributo para a História das Mulheres cientistas em Portugal”. In: Isabel Lousada e Maria José Gonçalves, *Woman, Science and Globalization: What’s up?*, Lisboa, AMONET, 2012, p.57-85. <http://run.unl.pt/handle/10362/8389>

¹⁴ Christiane Bohnert, “Early Modern Complex Satire and the Satiric Novel: Genre and Cultural Transposition”. In: Brian A. Connery, *Theorizing satire: essays in literary criticism*, 1995, p.151-152.

¹⁵ Jon Rowland, “From Cheated Sight to False Light: Analogy in Swift and Churchill”, in Brian A. Connery, *Theorizing satire: essays in literary criticism*, 1995, p.108-109.

batalha entre sexos. As primeiras linhas são desafiadoras:

Falar mal das mulheres! É possível? Que defeitos se podem apontar a seres tão perfeitos?

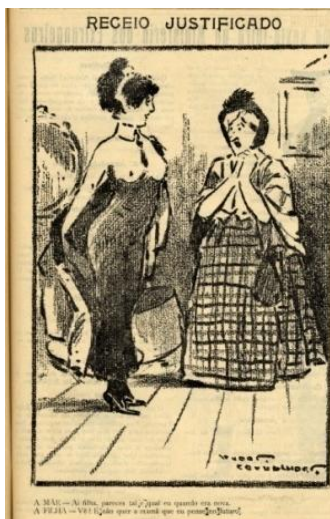
Depois, o espírito de classe, que nos leva sempre a acudir umas pelas outras, que hei de fazer dele? Falar mal das mulheres! Não, a tarefa não é fácil... é mesmo muito difícil e chego a temer que exceda as minhas forças. Se fosse dos homens, vá! Há tanto que dizer deles, tanto que lhes censurar! Mas delas, pobres criaturas...

Todavia, para apreender o sentido que o texto permite, encontramos vários graus de profundidade consoante as leituras feitas. Ainda assim, corroborando a noção de identidade de grupo que a citação seguinte deixa expressa, «Women's humor, like minority humor, displays a consciousness of a group identity, often posing a "we-they" dialectic, and both types of humor feature common stereotypes of members of the dominant culture»¹⁶. Tanto mais complexa a leitura suscitada, quanto desmascarando sistemas de valores precisamente enraizados na sociedade portuguesa de então e ainda hoje atual para muitos. A ilustração do texto é, uma vez mais, da autoria de Stuart Carvalhais e mostra as duas figuras, elas próprias corporizando os dois grupos, as identidades em contraste. Para além do que é dito, o que se nos mostra é a denúncia à falta de solidariedade das mulheres, à superficialidade e ao materialismo também em confronto com a autenticidade de valores e nobreza de carácter.



¹⁶ Nancy A. Walker, «The Humor of the "Minority"», in Nancy A. Walker, *A Very Serious Thing: Women's Humor and American Culture*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1988, p.106.

O caudal de informação é veiculado no texto, num primeiro momento, captado pela imagem, visando captar a atenção de modo mais imediato do/da leitor/leitora. A preocupação com a imagem, motivo de crítica face à ausência de substância traduzida numa incapacidade de aceitação de envelhecer por parte das mulheres mundanas, cientes de que a virtude não abonaria em seu favor, num tom moralizador ao qual caberia dar relevo, dessa feita caricaturado por Hipólito Colomb.



Por outro lado, é ainda a charge a tomar conta da orientação subliminar pretendida por autora e por ilustrador, O'Neill e Carvalhais. Passando da denúncia à decadência ao combate e à desconstrução de flagrantes injustiças. Como refere Walker:

One of the paths of coming into consciousness, into politics, of an oppressed group is the realization that their misery is not due to some innate inferiority, to their own flawed characters, but that there is something going on outside that is keeping them down, and that it is *not fair*.

The curious thing about our own oppression is that we were taught that *is fair*: that it was in the divine order of things¹⁷.

¹⁷ Nancy A. Walker, «The Humor of the “Minority”». In: Nancy A. Walker, *A Very Serious Thing: Women's Humor and American Culture*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1988, p.119.

O antifeminismo latente é ainda relevado, dado ser a posição social da mulher e a sua ascensão aos lugares de poder a pedra de toque para um «volte-face» capaz de fazer valer a inversão de papéis estereotipados na dicotomia mulher/homem, como um embuste das feministas remetendo os seus pares para a condição de *ménagère*. Toda a atenção será pouca num mundo de ilusão e mentira neste falso *pas-de-deux*.

Procuramos refletir no modo como o recurso à imagem caricaturada da mulher, como fútil e masculinizada, pôde servir ao objetivo dos detratores do feminismo; ou, pelo contrário, assinalar a profunda desigualdade em que a mulher é historicamente plasmada face às características inerentes à sua condição biológica. Qual o papel do homem e qual o papel da mulher na sociedade de então? Qual o impacto da entrada massiva da mulher no mercado de trabalho face às estruturas familiares vigentes?

Eis algumas das questões abordadas, procurando evidenciar o modo como ainda se encontra atualizada a matéria em análise, sem ter perdido o seu lado hilariante, preocupantemente, ou não, tragicómica.

Para se fazer humor é preciso haver cumplicidade com o público. Ninguém ri da piada que você conta, se não existe um código prévio entre você e seus ouvintes. Muitas vezes, este código está baseado no mais repugnante dos preconceitos, mas ele – o vínculo – deve existir [...]. Este código cultural e emocional tem características universais e possui também particularidades locais¹⁸.

Tendo presente os dados relativos à leitura em Portugal, e considerando a publicação em análise, permitimo-nos constatar ser ainda atual a charge ora feita, e que urge atravessar o limiar da memória e fixar a história no que ao feminismo diz respeito nestes registos.

¹⁸ Gilberto Maringoni, "Humor da charge política no jornal", *Comunicação & Educação*, 1996, p.88.